CARTAS AO EDITOR / *LETTERS TO THE EDITOR*

/ **J. A. David de Morais**

Doutoramento e Agregação em Parasitologia

Recentemente, foi dada à estampa na *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* um artigo de C. Nunes e colaboradores intitulado "Estrongiloidose em doente com doença de Hodgkin. Caso clínico".[1] Os autores relatam um caso de estrongiloidose num doente de 74 anos de idade, que padecia de linfoma de Hodgkin e foi sujeito a quimioterapia e corticoterapia. Face à sintomatologia gastrenterológica que, subsequentemente, surgiu, foi-lhe feito estudo das fezes que revelou "(...) *grande quantidade de larvas compatíveis com formas rabditiformes de* Strongyloides stercoralis (...)." O doente, do "Nordeste de Portugal", teria contraído a parasitose quando, 54 anos antes, migrou para a Galiza, onde permaneceu dois anos, trabalhando como marinheiro. Admitem os autores que, então, o paciente "(...) *pudesse ter estado em países onde a estrongiloidíase é endémica* (...)", hipótese bastante plausível.

Saúdam-se os autores por, com um caso clínico concreto, alertarem o meio médico português para a possibilidade de ocorrência de quadros graves de estrongiloidose em doentes sujeitos a terapêutica imunodepressora.

No artigo em causa citam-se vários países da Europa onde têm sido diagnosticados casos desta nematodose, e referencia-se mesmo um artigo que designa a Comunidade de Valência, em Espanha, como zona endémica.[2]

Todavia, independentemente do notório valor clínico do trabalho de Nunes e colaboradores, não foi feita qualquer contextualização – no tempo e no espaço – à ocorrência da estrongiloidose em Portugal. Ora, no nosso País, entre 1914 e 1985 (!)[3,4] diagnosticaram-se (achados laboratoriais) casos autóctones de infecção por *S. stercoralis*, existindo então focos de grande endemicidade, por exemplo em plena cidade de Coimbra.[5] Aliás, foi entre nós publicado um considerável acervo de trabalhos – incluindo teses de licenciatura – sobre a estrongiloidose em território nacional, mas os autores não citam um único autor português. Inconvenientes das pesquisas bibliográficas se confinarem, hoje em dia, o mais das vezes, apenas à internet, secundarizando-se ou dispensando-se mesmo o recurso a pesquisas em bibliotecas?. Os possíveis resultados contraproducentes desta forma reducionista de elaborar a Bibliográfia podem ser evidenciados, por exemplo, no artigo em questão:[1]

"(...) 10. Román Sánchez, P. et al. "Endemic strongyloides on the Spanish Mediterranean Coast". *Q J Med.* 2001; 94:357-363.

.....

"22. Román Sánchez P, Pastor Gusman A, Moreno Guillán S, Igual adell R, Martin Estric A, Navarro Gonzalo I, et al. "Endemic strongyloidiasis on the Spanish Mediterranean Coast". *Q J Med.* 2001; 94:357-63. (...)"

Assim, é quase certo que no nosso País possam existir indivíduos portadores de estrongiloidose contraída em território nacional (à semelhança da situação preocupante que continua a existir na costa mediterrânea de Espanha)[2] e que, embora quiescente, esta parasitose possa reactivar-se e produzir formas de hiper-infecções ou sistémicas, de prognóstico sempre muito reservado – "Strongyloides stercoralis*: chez l'homme l'infestation peut exister presque indéfiniment*."[6]

No sentido de procurarmos contribuir para um melhor conhecimento desta problemática parasitológica nacional, remetemos, nesta data, à RPDI um artigo de revisão retrospectiva da epidemiologia da estrongiloidose em Portugal.

Bibliografia

1 Nunes C, Alves M, Soares D et al. Estrongiloidíase em doente com doença de Hodgkin. Caso clínico. Revista Portuguesa Doenças Infecciosas 2011; 7: 82-87.

2 Sánchez PR, Guzman AP, Guillen SM et al. Endemic strongyloidiasis on the Spanish Mediterranean coast. Q J Med 2001; 94: 357-363.

3 Aguiar A, Carlos Ramalhão. Contribuição ao estudo da Anguilulose em Portugal. Revista de Semiótica Laboratorial 1916; 1: 521-554.

4 Gonçalves LMM, Boffa-Molinar AT. Parasitoses intestinais na população escolar do concelho de Condeixa-a-Nova. Saúde Infantil 1985; 7: 151-159.

5 Noronha IJP. O problema da strongyloidose stercoralis (a propósito de um pequeno surto despistado no Bairro da Conchada, em Coimbra). II – Diagnóstico, terapêutica, distribuição geográfica em Portugal Continental. Coimbra Médica 1963; 10: 465-491.

6 O'Fel A. Parasitologie. Mycologie, 4e édition. Paris: Éditions C. et R., 1990.